

AFINAL, QUAL É A PRODUTIVIDADE DO REBANHO LEITEIRO?

Sebastião Teixeira Gomes¹

A maior abertura do Brasil para o mercado internacional ampliou a concorrência, exigindo maior produtividade e melhor qualidade dos produtores nacionais. Isso é verdade para todos os setores da economia, em especial para a atividade leiteira, que não está acostumada às leis do mercado, em razão do longo período de tabelamento de preço, encerrado em 1991. Nesse novo contexto produtividade é, mais do que nunca, a palavra chave.

A busca do aumento da produtividade deve começar por um diagnóstico que determine sua quantidade e indique seus condicionantes. Por isso é importante que examine, com cuidado, a produtividade do rebanho brasileiro, se possível, separando-a em estratos de sistemas de produção.

A mensuração da produtividade do rebanho bovino leiteiro do município, estado ou país, tem como base os dados divulgados pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. É o órgão oficial de estatística do Brasil. Existem três publicações do IBGE que permitem calcular a produtividade do rebanho leiteiro: Anuário Estatístico do Brasil, Censo Agropecuário e Pesquisa da Pecuária Municipal. Os últimos resultados dessas publicações serão examinados a seguir.

Quando se discute esse tema uma questão recorrente é a seguinte: Afinal, qual é a produtividade do rebanho leiteiro brasileiro? A produtividade evoluiu ou está estagnada? Alguns acreditam que a pecuária leiteira do Brasil, de hoje, é igual a de trinta anos atrás. Outros, entretanto, acham que ela tem evoluído, significativamente, embora ainda distante do seu potencial. Os primeiros afirmam que existem apenas algumas poucas ilhas de pecuária desenvolvida e, os segundos, defendem que a maior parte da produção de leite do Brasil vem de pecuaristas que aumentaram muito a produtividade do rebanho. Esse aumento, dizem os segundos, é ainda mais significativo, diante das condições adversas a que

¹ Professor Titular da Universidade Federal de Viçosa e Consultor da EMBRAPA. Escrito em 04/03/96.

foram submetidas o produtor, pelo tabelamento do preço do leite e pela elevada inflação, que representa um pesado imposto para o produtor de leite. Eu faço parte do grupo que defende a tese que a produtividade leiteira do rebanho brasileiro vem aumentando, significativamente, nos últimos anos.

Na defesa da tese que a produtividade aumentou, os seguintes argumentos podem ser apresentados: a) Praticamente todos os produtos da agricultura brasileira aumentaram, significativamente, a produtividade nos últimos anos. Porque, então, a pecuária leiteira seria a exceção? Com certeza, os benefícios dos ganhos de produtividade de algumas culturas transbordam para a pecuária leiteira, como por exemplo do milho e da soja, ingredientes básicos da mistura de concentrados; b) A observação de vários casos relatados por extensionistas, do sistema oficial de extensão rural e também da iniciativa privada, confirma aumentos de produtividade. Não são apenas alguns extensionistas dando testemunho de alguns casos de aumento de produtividade; são muitos extensionistas que relatam muitos casos espalhados em todo o Brasil; c) O argumento mais forte vem do mercado: de 1980 a 1993, enquanto o preço recebido pelo produtor caiu, aproximadamente, 50%, a produção de leite do Brasil aumentou 40%. Como explicar essa aparente contradição, senão recorrendo ao aumento da produtividade.

Se o leitor ainda não está convencido que a produtividade do rebanho aumentou, a prova definitiva vem da pesquisa realizada em Minas Gerais, em 1995, com dados coletados de uma amostra de 1.000 produtores. Essa pesquisa faz parte do Projeto “Sistema Agroindustrial do Leite” coordenado pelo SEBRAE-Minas, em parceria com FAEMG, SEBRAE Nacional e OCEMG.

O Estado de Minas Gerais, pela sua posição geográfica central e importância na produção de leite (de cada três litros produzidos no Brasil, um vem de Minas), sintetiza a produção nacional, com exceção do extremo Sul. O perfil da produção de leite de Minas corresponde a realidade de, aproximadamente, oitenta por cento da produção do País. Por isso, os dados contidos no diagnóstico da pecuária leiteira de Minas Gerais podem ser expandidos para a maior parte da produção nacional.

Antes de analisar os dados da referida pesquisa, é interessante examinar os dados publicados pelo IBGE. De acordo com a Tabela 1, no período de 1970 a 85, a produção/vaca ordenhada aumentou 57%, em Minas. Deve-se registrar que os dados

publicados pelo Censo Agropecuário inclui todos os produtores, independente da finalidade econômica do rebanho. Em outras palavras, inclui pecuária especializada para a produção de leite, mista e de corte. Mesmo assim, os dados da Tabela 1 já derrubam a tese de estagnação da produtividade. Pelo tamanho do Estado, os aumentos de produtividade não foram apenas em pequenas ilhas, visto que se assim fosse, não afetariam a média estadual de modo tão significativo.

A Tabela 2 reúne as três publicações do IBGE que permitem calcular a produtividade do rebanho mineiro. A principal conclusão que se pode extrair dessa Tabela é que a produtividade varia de acordo com a publicação. Ainda que, com certeza, o IBGE tenha explicações dos critérios utilizados e dos resultados diferentes, não se pode negar que esses dados deixam os usuários perplexos.

Os dados mais recentes disponíveis para o cálculo da produtividade do rebanho têm como fonte a Pesquisa da Pecuária Municipal, de 1992. Segundo essa fonte a produção/vaca ordenhada é 897 litros por ano, que corresponde a 22% a menos que a produtividade registrada no Censo de 1985. Provavelmente todo esse embaralhar de dados é que explica a posição de alguns pesquisadores que acreditam que a pecuária está estagnada.

Agora os dados do Projeto “Sistema Agroindustrial do Leite”. Segundo a Tabela 3, a maior frequência é de pequeno produtor. Entretanto, a produção está concentrada no médio e grande produtor. Produtores de até 50 litros/dia correspondem a 59% do número total do Estado e respondem com apenas 20% da produção. Produtores de 51 a 250 litros/dia correspondem a 35% do número total e produzem o equivalente a 50% da produção de Minas. Finalmente, produtores de mais de 250 litros/dia correspondem a apenas 6% do número total, mas produzem 30% do leite de Minas. As distribuições do número de produtores e da produção influenciam muito no cálculo da produtividade média do Estado.

As produtividades da Tabela 4, multiplicadas por 365 dias, resultam nas seguintes produções/vaca ordenhada, por ano: 1.788 litros para o total da amostra e 1.496; 2.026 e 3.164 litros, respectivamente, do pequeno, médio e grande produtor. Deve-se chamar a atenção que estas produções não são por período de lactação e sim por ano. O

procedimento utilizado permite comparar os dados do Projeto “Sistema Agroindustrial do Leite” com os do IBGE.

A produtividade do rebanho leiteiro do Estado de Minas, obtida no Projeto que deu origem ao diagnóstico da pecuária leiteira mineira (1.788 litros/vaca ordenhada, por ano) é 64% maior que a maior produtividade do IBGE (1.091 litros/vaca ordenhada, por ano). Na explicação dessa diferença dois argumentos podem ser citados: evolução tecnológica dos sistemas de produção, no período de 1985 (dados do IBGE) a 1995 (dados da Pesquisa) e diferenças no público que deu origem às produtividades. O IBGE considera todos os produtores, independente da finalidade econômica do rebanho; enquanto o Projeto refere-se apenas aos produtores que vendem leite às indústrias laticinistas.

Outro indicador de eficiência técnica é a relação entre vacas ordenhadas e o total de vacas. Segundo dados da Tabela 5 essa relação é 64% para o total da amostra e, 62%, 66% e 69%, respectivamente, do pequeno, médio e grande produtor. Por outro lado, de acordo com os dados do IBGE essa relação é de apenas 50%.

Os dados apresentados e discutidos nesse artigo permitem as seguintes conclusões:

- a) A produtividade do rebanho leiteiro de Minas é, significativamente, maior que a divulgada pelo IBGE. Existem evidências que essa conclusão pode ser expandida para o Brasil.
- b) Os dados sub-estimados do IBGE induzem a conclusões equivocadas de que a pecuária de leite está estagnada.
- c) Ainda que os ganhos sejam inegáveis, não se pode negar que a produtividade média está muito distante do potencial já demonstrado pela pesquisa.
- d) Na distribuição dos méritos dos ganhos de produtividade, além dos produtores, que merecem a maior parcela, deve-se reconhecer os esforços da indústria laticinista e dos órgãos de pesquisa e de extensão.

Tabela 1 - Produção de leite e número de vacas ordenhadas em Minas Gerais

Anos	Produção de leite (1.000 litros)	Número vacas ordenhadas	Produção/vaca ordenhada, por ano
1970	1.836.948	2.638.814	696
1975	2.740.633	3.315.372	827
1980	3.420.514	3.396.674	1.007
1985	3.772.411	3.457.259	1.091

Fonte: Censos Agropecuários de Minas Gerais, diversos anos.

Tabela 2 - Dados sobre a pecuária leiteira de Minas Gerais, publicados pelo IBGE

Especificação	Anuário Estatístico 1985 ¹	Pesquisa da Pecuária Municipal 1992	Censo Agropecuário 1985
1. Produção anual de leite (mil litros)	3.682.484	4.502.655	3.772.411
2. Número de vacas ordenhadas	4.518.350	5.019.094	3.457.259
3. Número total de vacas	-	-	6.870.449
4. Produção/vaca ordenhada, por ano (1÷2)	815	897	1.091
5. Produção/vaca total, por ano (1÷3)	-	-	549
6. Número vacas ordenhadas/número total de vacas (%)	-	-	50

Fonte: IBGE, diversas publicações.

¹ O último anuário estatístico que publicou o número de vacas ordenhadas foi 1985, com dados referentes a 1984.

Tabela 3 - Distribuição percentual do número de produtores de leite em Minas Gerais

Mesorregiões	Estratos de produção de leite (litros/dia)		
	Até 50	- 51 a 250	Acima 250
Triângulo/Alto Paranaíba	41	53	6
Sul/Sudeste	61	30	9
Mata	71	25	4
Vale do Rio Doce	60	34	6
Metropolitana de BH	62	32	6
Oeste de Minas	58	34	8
Central Mineira	62	32	6
Campo das Vertentes	61	32	7
Nordeste de Minas	73	25	2
Norte de Minas	69	29	2
Jequitinhonha/Mucuri	74	21	5
MINAS GERAIS	59	35	6

Fonte: Pesquisa Direta, SEBRAE-MG/FAEMG, 1995.

Tabela 4 - Produção de leite/vaca ordenhada, em Minas Gerais. Dados em litros por dia

Mesorregiões	Estratos de produção (litros/dia)			Região (Méd.Pond.)
	Até 50	51 a 250	Acima 250	
Triângulo/Alto Paranaíba	3,96	5,14	7,87	4,82
Sul/Sudeste	3,30	7,11	11,92	5,22
Mata	3,78	4,35	8,88	4,13
Vale do Rio Doce	4,54	4,22	5,07	4,46
Metropolitana de BH	5,43	6,33	8,88	5,92
Oeste de Minas	3,57	6,00	7,22	4,69
Central Mineira	5,91	6,83	10,57	6,48
Campo das Vertentes	4,83	6,57	8,97	5,67
Nordeste de Minas	3,98	5,24	10,12	4,42
Norte de Minas	5,18	5,12	8,48	5,23
Jequitinhonha/Mucuri	2,85	3,35	4,04	3,02
MINAS GERAIS	4,10	5,55	8,67	4,90

Fonte: Pesquisa Direta, SEBRAE-MG/FAEMG, 1995.

Tabela 5 - Número de vacas ordenhadas/número total de vacas, em Minas Gerais

Mesorregiões	Estratos de produção (litros/dia)			Região (Méd.Pond.)
	Até 50	51 a 250	Acima 250	
Triângulo/Alto Paranaíba	64,63	68,87	67,98	67,08
Sul/Sudeste	59,44	67,60	74,97	63,28
Mata	63,58	68,95	68,94	65,14
Vale do Rio Doce	66,66	57,10	63,94	63,25
Metropolitana de BH	55,58	70,37	77,38	61,62
Oeste de Minas	60,12	68,27	72,88	63,91
Central Mineira	65,11	64,89	77,01	65,75
Campo das Vertentes	76,07	68,19	78,58	73,73
Nordeste de Minas	41,77	64,36	74,54	48,08
Norte de Minas	42,67	51,45	53,70	45,43
Jequitinhonha/Mucuri	65,85	52,50	41,09	61,81
MINAS GERAIS	61,74	65,68	69,38	63,62

Fonte: Pesquisa Direta, SEBRAE-MG/FAEMG, 1995.